

Sobre Educação

J. Roberto Whitaker Penteadó

Em março de 1982, Roberto Civita convidou-me para escrever na última página da VEJA. Era uma verdadeira honra, na época, para um então jovem jornalista, e é realmente pena que aquele espaço nobre tenha sido ocupado pelo corporativismo sempre atento dos chamados "coleguinhas". (O fato de ser um jornalista específico que assina a página, como "Ensaio", não faz qualquer diferença: o que não agüentaram foi a ocupação democrática da página).

O tema estava relacionado ao convite: RC achava que havia um descompasso entre a educação superior e as necessidades do mercado de trabalho. Eu dirigia a ESPM, no Rio, e também achava. Escrevi "Uma bomba relógio para o ano 2000". Título bem "ligado", pois o atentado do RioCentro havia ocorrido 11 meses antes, em abril de 1981...

Os problemas de então: o MEC segurava as autorizações para novos cursos superiores, o diploma de curso superior deixava de ser um passaporte para o mercado de trabalho, surgiam os MBAs e os cursos de "pós-graduação", aumentavam as pressões para que todas as profissões fossem herméticamente regulamentadas, os cursos profissionalizantes de nível médio haviam redundado em total fracasso: as famílias e os seus jovens não dispensavam o "vestibular".

Diagnosticava três razões para aquela situação: (1) nossa tradicional imprevidência, agravada pela constatação do então-na-moda Alvin Toffler ("O Choque do Futuro") de que a maioria das profissões que se exerciam simplesmente não existiam 20 anos antes; e muitas das de hoje não eram sequer sonhadas em 1982; (2) a crescente exigência do MEC para que todos os professores universitários tivessem títulos de mestres ou doutores, o que resultava em que nem sempre ensinava quem fazia - ou sabia - mas só quem tinha o competente e corporativo registro e (3) a miopia social de que - com a exceção dos já-antigos SENAI e SENAC - nada se fazia para profissionalizar as pessoas durante o curso secundário, como ainda não se faz.

Fiz essas pesquisas motivado por um convite da Associação Comercial do RJ, para participar de um encontro que fazem, sobre educação e mercado de trabalho. Qual é a situação, hoje? Tanto os diplomas de curso superior quanto os de MBA deixaram mesmo de dar acesso ao trabalho; o que parece valer é a griffe das escolas - quanto mais caras, melhores. Depois de um saudável esforço de estímulo aos cursos médios - no governo FHC - os petistas voltaram a preocupar-se prioritariamente com as universidades, que são fontes muito mais óbvias de prestígio e poder, instituindo a bobagem das cotas por etnia e tentando instalar sovietes na direção das escolas privadas (coisa que já foi derrubada, pois é inconstitucional). O resultado tem sido uma incompetência avassaladora e galopante nos níveis profissionais médios e de suporte, onde ninguém mais sabe fazer nada, no país. Formar um profissional na rede pública continua a custar de 5 a 7 vezes mais do que o fazer nas faculdades privadas - embora a qualidade do ensino, nestas, não seja - em geral - de qualidade.

Admito que, como profeta, não fui uma Brastemp; a bomba-relógio deu chabu e enguiçou. Mas os problemas da educação, no Brasil, continuam sérios e precisando de soluções urgentes e criativas.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Sobre Educação. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadó**, Rio de Janeiro, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=240&ID=278>>. Acesso em: 28 ago. 2009.